

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

REVELAÇÕES DOS RAIOS X NOS QUADROS ANTIGOS.

CARVALHO, Roberto; VITORINO, Pedro

Ano: 1937 | Número: 47

Como citar este documento:

CARVALHO, Roberto; VITORINO, Pedro, Revelações dos Raios X nos quadros antigos.
Revista de Guimarães, 47 (1-2) Jan.-Jun. 1937, p. 25-29.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Revelações dos raios X nos quadros antigos

A aplicação dos raios de Roentgen ao estudo das pinturas antigas, que as côres de bases minerais, em grande parte usadas, permitem realizar pelos contrastes das imagens que se obtêm, na dependência do número e do pêso dos átomos que as constituem, além dos ensinamentos proporcionados àcerca das camadas profundas das tintas, ocultas ao exame visual, traz-nos revelações por vezes imprevistas, verdadeiros "achados", sempre acolhidos com satisfação pelos observadores.

Estão neste caso as transformações e sobreposições de pinturas. Qualquer que seja o motivo que as occasiona, correcção do próprio artista feita por motivo de ordem estética, aproveitamento do suporte (tábua ou pano) por outro pintor, determinado pela moda, economia ou conveniência, ou, ainda, adições e repintagens levadas a cabo por simples reparação ou com intuítos de fraude, capazes de iludir mesmo os olhos mais experimentados, feitas estas últimas com côres modernas formadas de substâncias vegetais de maior transparência aos raios, os acréscimos de imagens, qualquer que seja a causa que os determinou, ocupam um lugar importante no estudo científico da pintura.

A verdade surge-nos resplandecente e dominante na sua nudez imprevista; para a alcançar é que a sciência multiplica e aperfeiçoa os seus métodos de investigação.

*

* *

No exame das pinturas antigas, entre as radiações agora utilizadas, radiografia, fluorescência, espectro-fotometria e fotografia, são de reconhecido valor os

raios X. Hoje ninguém dêles duvida, nem os teme. Comprovam os factos os seus resultados excelentes, e garante a experiênciã a sua inocuidade absoluta. Todavia requerem prudência, quer na applicação, quer nas conclusões a tirar. Talqualmente como nos usos médicos, fornecem elementos que relacionados com outros, obtidos de variada maneira, permitem formar um juízo: complemento do exame clínico, na medicina, e aclaração do estudo visual e crítico, na arte. Negar-lhes o valor, ou esperar tudo dos raios X, são exageros opostos e inoportáveis. O espírito científico não admite exaltamentos nem fantasias. O investigador deve observar os factos nos limites que estes nos facultam. Não proceder assim, é confundir, em lugar de esclarecer.

O exame radiológico na medicina orienta o cirurgião, como na pintura guia o restaurador. Não se invadem atribuições, presta-se mútua cooperação. Pensar o contrário é não querer admitir as vantagens das especializações.

Foi no propósito de contribuir com elementos novos para o estudo da história da arte entre nós, a exemplo do que há bastante tempo se fazia lá fora, que tomámos a iniciativa, vai em oito anos, dêsses trabalhos, que, como técnicos profissionais, entendemos poder realizar. Alguém tinha de lhes dar comêço, e não seria de crer que o tentassem, com os seus meios de acção, os escritores...

Apesar de algumas contrariedades, resultantes de certas resistências supervenientes e de injustificados receios, não nos podemos lamentar da inutilidade do nosso esforço desinteressado.

Tendo compreendido a importância da tentativa, depois de efectuados alguns trabalhos no Pôrto, um dêles de resultados verdadeiramente surpreendentes (Vid.: *Portucale*, vol. VII, "*A Trindade*" do Museu do Pôrto, vista aos raios X), os dignos Directores dos museus de Lamego e de Aveiro, uma vez solicitados, collocaram-se gentilmente à nossa disposição.

Ciosos da integridade das pinturas confiadas ao seu cuidado, não hesitaram em no-las facultar para o exame radiológico, desde que lhes foi garantida a inocuidade dos trabalhos a que íamos proceder. Por

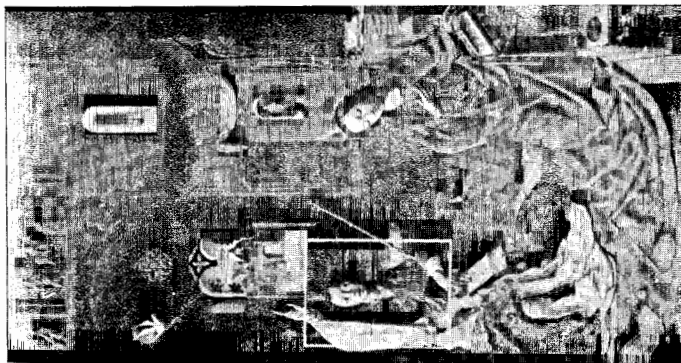


Fig. I -- A ANUNCIAÇÃO. Tábua do Museu de Lamego.

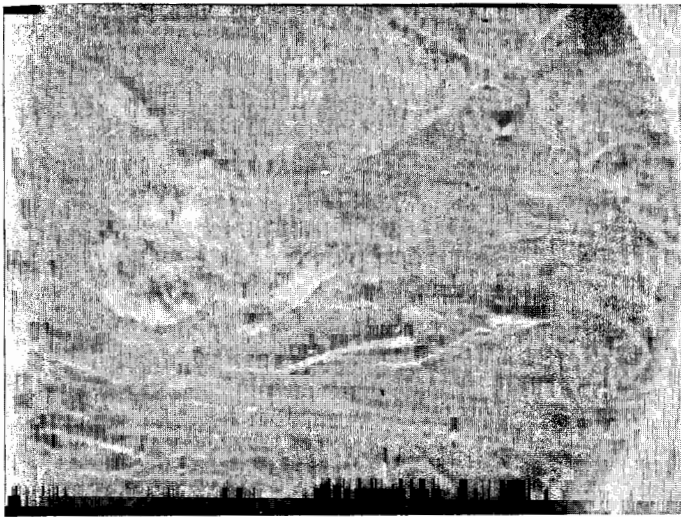


Fig. II -- Radiografia da tábua anterior, da parte indicada pelo retângulo.

isso aos Ex.^{mos} Srs. João Amaral e Dr. Alberto Souto, cabe-nos patentear aqui, pelas suas deferências amáveis, o nosso indelével reconhecimento.

As dúvidas que pareciam acometer alguns espíritos menos advertidos àcerca das vantagens e do nenhum dano dos raios X no exame dos quadros, devem ter desaparecido, porquanto se procede já a êsse estudo científico no Museu Nacional das Janelas Verdes, facto que muito nos apraz registrar. A nossa iniciativa foi enfim compreendida.

*

* *

Logo nos primeiros ensaios realizados se nos depararam casos dignos de registo, dois dos quais constituem a razão desta ligeira notícia. Trata-se da sobreposição de pinturas, uma completamente imprevida, outra já em parte revelada por um exame atento do quadro.

Na tábua *A Anunciação*, de Vasco Fernandes, da série existente no Museu Regional de Lamego, o Anjo Gabriel, que vemos à esquerda (fig. I), mostra na respectiva radiografia duas cabeças, em parte sobrepostas (fig. II). Não se trata, como é evidente, de qualquer repintagem tardia, no decorrer dos anos, mas de uma simples correcção efectuada durante o trabalho pelo próprio autor do quadro. Este, tendo primeiro delineado a cabeça do Anjo Anunciador posta a três quartos, enfrentando a Virgem, alterou-a, colocando-a de frente, com os olhos voltados em direcção oblíqua. O modêlo é sem dúvida o mesmo, mas em posição parcial diversa. O rosto primeiramente pintado, como a imagem radiográfica assegura, não foi apenas esboçado, mas conduzido a certo grau de acabamento. Não houve porventura hesitação, antes deliberado intuito de aperfeiçoar, com mudança de atitude, que pareceu mais conveniente ao critério do artista.

Esta pintura, com as quatro tábuas restantes, pertence ao antigo retábulo da catedral de Lamego, cuja reivindicação para Vasco Fernandes resulta de documentos valiosos que o ilustre professor de Histó-

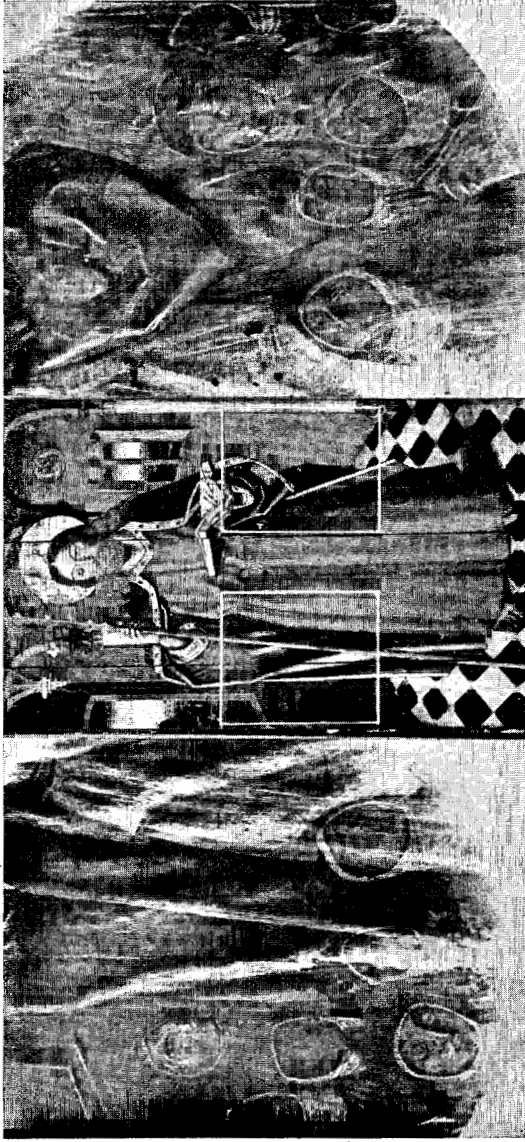
ria da Arte da Universidade de Coimbra Sr. Dr. Vergílio Correia descobriu e estudou (1).

Os painéis fazem parte da actividade artística do grande pintor viseense desde 1506 a 1511, das mais recuadas, portanto próxima, segundo a opinião do ilustre crítico Sr. Luís Reis Santos, do tríptico de Richmond (a única obra assinada «VASCO FR̄Z» até agora descoberta) e das duas tábuas de Santa Catarina e Santa Luzia do Museu Municipal do Pôrto (*atribuídas* pelo mesmo publicista, por afinidades de estilo, àquele artista); e anterior aos painéis de S. Pedro e S. Miguel da Igreja de S. João de Tarouca.

Tendo pertencido ao convento de Jesus, existe no Museu Regional de Aveiro, no mesmo edifício instalado, um tríptico, pintura em tábua, dos princípios do século XVI, o qual nos prendeu a atenção pelos vestígios evidentes de antiga pintura que se revelavam à vista, em observação cuidada.

O quadro figurou na Exposição de Arte Religiosa em Aveiro, realizada em 1895, tendo por essa ocasião merecido particular referência do notável arqueólogo portuense Prof. Joaquim de Vasconcelos n-*O Comercio do Porto*, de 21 de Setembro dêsse ano: «O mais curioso [dos quadros quinhentistas] é um tryptico com tres apóstolos (S. Simão, no centro, S. Thiago Menor e S. Judas Thadeu); fechado mostra os escudos dos Almeidas (á direita) e Noronhas (á esquerda). Estes foram depois condes de Villa Verde (1654) e marquezes de Angeja. As armas dos Almeidas no lugar de honra são exactamente as do celebre bispo de Coimbra D. Jorge de Almeida, filho de D. Lopo de Almeida, primeiro conde de Abrantes, que encheu Coimbra de preciosidades artisticas durante o seu longo governo (1481-1543). Fez-nos impressão o escudo, principalmente depois de reflectirmos sobre a analogia do tryptico com algumas pinturas do museu municipal de Coimbra. Os quadros de Aveiro, todos em taboa e todos do comêço do seculo XVI,

(1) Vid. : Vergílio Correia, *Vasco Fernandes mestre do retábulo da Sé de Lamego*. Coimbra, 1924.



Figs. III a V — Ao centro, tábua de um triptico do Museu de Aveiro. Aos lados, radiografias da mesma, das partes indicadas pelos retângulos.

pertenceram e pertencem ao real convento de Santa Joanna, e constituem, com os de Coimbra, um grupo novo, ainda não classificado até hoje pela critica».

No painel central do tríptico, destaca-se a tôda a altura S. Simão, num fundo architectónico, sôbre pavimento de mosaico (fig. III). Lateralmente, e na parte inferior da imagem, não era difícil reconhecer, com incidência adequada de luz, pelo relêvo, que a tinta superficial, de fraca espessura, não ocultava bem, pequenas cabeças agrupadas, como acolitando a imagem, de contornos mais ou menos visíveis. O exame radiográfico mostrou com tôda a nitidez algumas monjas orantes, proporcionalmente minúsculas em relação à figura do santo, apartadas em dois grupos, comprindo-se, em adoração aos pés do apóstolo, seis de cada lado (figs. IV e V).

A sobreposição da pintura passou sem dúvida despercebida ao Prof. Joaquim de Vasconcelos, visto a não mencionar, talvez devido ao facto de o quadro se não achar então livre de impurezas.

A curiosa tábua quinhentista encontra-se agora em Lisboa para beneficiação, onde certamente deve merecer as atenções dos historiadores da arte para a classificar como convém.

Feito o restauro, a pintura mostrará em plena luz essas figuras liliputianas de adoradoras, sacrificadas certo dia à vontade atrabiliária de um caprichoso proprietário, que o exame radiográfico, antepondo-se ao artista restaurador, permitiu claramente observar.

ROBERTO CARVALHO
PEDRO VITORINO.